

Entre a prescrição e a contextualização: o tratamento de variação no ensino de orações relativas em livros didáticos de ensino médio

Between prescription and contextualization: the treatment of variation in the teaching of relative constructions variation in high school textbooks

Lanuza Lima SANTOS¹

Elisangela dos Passos MENDES²

RESUMO: Este artigo analisa o tratamento das “construções relativas” em livros didáticos do ensino médio. Fundamentado no referencial teórico da sociolinguística variacionista e nos estudos empíricos sobre o fenômeno, nosso objetivo é investigar em que medida a realidade heterogênea e variável do português brasileiro é considerada no ensino de sintaxe. Para tanto, são observados os três volumes da coleção Português: contexto, interlocução e sentido (Maria Luiza Abaurre, Maria Bernadete Abaurre e Marcela Pontara). Neste estudo, assumimos que a compreensão da diversidade linguística é basilar no ensino de português, uma vez que fornece subsídios para uma aprendizagem mais coerente e contextualizada. Parte-se do pressuposto de que os livros didáticos, no tratamento da variação, centralizam-se nos conceitos e descrições de usos variáveis do nível lexical. Dessa forma, negligenciam as contribuições da variação para o ensino de sintaxe. Em linhas gerais, a análise da coleção de livros didáticos revelou o comprometimento das autoras em apresentar e discutir a variação linguística de modo direto e indireto. No entanto, os estudos da sintaxe partem de uma abordagem notadamente prescritivista e usos variáveis são tratados de modo superficial e como curiosidades acessórias.

PALAVRAS-CHAVE: Variação Linguística. Sociolinguística. Construções relativas. Livro didático. Ensino médio.

ABSTRACT: This article aims to analyze the relative constructions in High School textbooks. Based on the framework of Variational Sociolinguistics and on the empirical studies about the variable use of relative constructions in Brazilian Portuguese, our goal is to investigate how the teaching of syntax considers the heterogeneity and variable reality of the language in question. For this purpose, we analyzed the three volumes of the collection Portuguese: contexto, interlocução e sentido (by Maria Luiza Abaurre, Maria Bernadete Abaurre and Marcela Pontara). In this paper, we consider that sociolinguistics knowledge is important in Portuguese teaching because it allows The student to have a more coherent and contextualized language learning process. We propose that, when it comes to variation, the textbooks prioritize (almost exclusively) the conception and stereotyped descriptions about the lexical variational uses. Therefore, textbooks overlook the contributions of sociolinguistics on the teaching of syntax. In general lines, the analysis of the textbook collection Portuguese: contexto, interlocução e sentido shows the authors' commitment in discussing linguistics variation directly and indirectly. However, the syntactic topics are based on a prescriptive approach and variable uses are treated as accessory curiosities and in a superficial manner.

¹ Professora do Centro Federal de Educação Ciência e Tecnologia da Bahia - Campus Camaçari. E-mail: lanuzalima@gmail.com. ORCID: 0000-0002-3500-9158.

² Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia (IFBA). E-mail: elipmendes@gmail.com. ORCID: 0000-0002-4865-5415.

 <https://doi.org/10.51951/ti.v12i26.p114-130>

Travessias Interativas / São Cristóvão (SE), n. 26 (vol. 12), p. 114-130.

KEYWORDS: Linguistics variation. Sociolinguistics. Relative constructions. TextBook. High School.

Introdução

A variação linguística tem feito parte das discussões sobre o ensino de língua portuguesa, instaurando, inclusive, novas linhas de estudo como a Pedagogia da Variação (BAGNO, 2007) e a Sociolinguística Educacional (BORTONI-RICARDO, 2004). Da abordagem da variação como instrumento de combate ao preconceito linguístico até a proposição de metodologias de ensino de morfossintaxe, o debate flagra uma realidade ainda marcada pelo distanciamento entre os avanços científicos dos estudos da diversidade e o ensino de língua portuguesa.

Parte dessa preocupação encontra amparo nos documentos oficiais que regem o ensino de Português no Brasil, conforme os destaques dos PCNS e BNCC:

Cabem também reflexões sobre os fenômenos da mudança linguística e da variação linguística, inerentes a qualquer sistema linguístico, e que podem ser observados em quaisquer níveis de análise. Em especial, as variedades linguísticas devem ser objeto de reflexão e o valor social atribuído às variedades de prestígio e às variedades estigmatizadas, que está relacionado a preconceitos sociais, deve ser tematizado. (BRASIL, 2017, p. 81)

Apesar do esforço científico e institucional para integrar a variação linguística ao ensino de português, a prática pedagógica e os recursos didáticos ainda apontam para a supremacia de modelo prescritivista e descontextualizado, sobretudo quando tratamos mais detidamente o ensino de sintaxe e morfossintaxe.

Os fenômenos sintáticos e morfossintáticos são aqui compreendidos como contextos heterogêneos e variáveis, tal qual a língua portuguesa falada no Brasil, plural e polarizada. Assim, assumimos uma didática do ensino de português assentada na contextualização dos fenômenos linguísticos em todos os níveis de análise da língua que leve em consideração os conhecimentos linguísticos prévios e a diversidade de normas dos estudantes, falantes legítimos da língua portuguesa.

Partindo dessa premissa, dirigimos aqui nossa abordagem ao modo como os livros didáticos têm apresentado a questão da variação no ensino de tópicos de análise linguística, mas especificamente ao ensino das construções relativas e seus componentes (pronomes e orações relativas). Para contextualizar a análise, definimos as seguintes questões: (i) concepção de língua: os autores analisados situam a questão da variação como característica central da língua, relacionando as diferentes normas e apresentando conceitos básicos?; (ii) profundidade da abordagem: predomina uma descrição ampla do fenômeno da variação ou um recorte folclorizado, circunscrito aos regionalismos e estereótipos linguísticos? (iii) abordagem do tópico sintático: as construções relativas são tratadas de uma perspectiva puramente prescritivista ou há contextualização?

O artigo busca investigar, portanto, em que medida, no ensino da morfossintaxe, é considerada a dimensão variável dos usos linguísticos. Nosso recorte, mais especificamente, se dá em torno da questão: de que maneira os livros didáticos do



ensino médio levam em consideração as variantes linguísticas no ensino das construções relativas? Consideramos a hipótese de que os livros didáticos abordam a variação de modo superficial (restrita ao conceito e tipos) e subvalorizam as contribuições que os conhecimentos da sociolinguística podem apresentar para o ensino de sintaxe. Tal direção, em última instância, pode contribuir para as dificuldades na compreensão e apropriação das estruturas típicas da norma culta por parte dos estudantes.

Assim, justifica-se a escolha do objeto pelo fato de que as construções relativas constituem um grupo dos fenômenos morfossintáticos fortemente variáveis, como se pode parcialmente ilustrar nos exemplos: a menina de que eu gosto; a menina que eu gosto; a menina que eu gosto dela. Além disso, o emprego dessas construções reverbera sobremaneira nas produções textuais e na interpretação de textos por parte dos estudantes no ensino médio.

O universo de observação e a metodologia

Para a realização deste estudo, o livro didático *Português: contexto, interlocução e sentido*, das autoras Maria Luiza M. Abaurre, Maria Bernadete M. Abaurre e Marcela Pontara (volumes I, II e III), foi definido como universo de observação. A coleção foi selecionada por docentes do Instituto Federal da Bahia (campi Salvador e Camaçari), entre os livros aprovados pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), como material de apoio para o ensino de Língua Portuguesa nos cursos do ensino médio integrado.

Como um dos objetivos do trabalho é investigar de que modo a variação linguística é abordada no livro didático, definimos, como ponto de partida do estudo, a observação, descrição e análise do capítulo 12, Vol. I (ABAURRE et al., 2013, p. 161), denominado “Linguagem e variação linguística”. Para a construção da análise do capítulo, consideramos: (i) identificar os conceitos básicos para a compreensão da variação linguística; (ii) avaliar a consistência do tratamento dado aos conceitos de língua, linguagem e variação, identificando eventuais lacunas e limitações; (iii) observar a composição das atividades propostas aos estudantes para sistematizar o conteúdo estudado no capítulo.

No primeiro momento da investigação, apresentamos a descrição da abordagem teórica sistematizada em cada capítulo. Nesse ponto, discutimos organização, definições e exemplificações, buscando também avaliar como e em que medida a abordagem variacionista é correlacionada ao estudo dos tópicos morfossintáticos. Posteriormente, descrevemos as atividades propostas direcionadas à sistematização do conteúdo estudado, a fim de avaliarmos como tem se dado a iniciação dos estudantes na prática de exercícios que envolvem a construção e uso dos pronomes relativos e das orações adjetivas.

Posteriormente, atendendo a outro objetivo definido para este estudo – demonstrar como se dá (ou não) a correlação entre a variação e o ensino de morfossintaxe na coleção de livros didáticos selecionada – passamos à abordagem dos capítulos destinados ao estudo de tópicos morfossintáticos. A partir disso, definimos como universo de observação os capítulos “Pronomes II” (ABAURRE et al., 2013, v. II, p. 234), e “Período Composto por Subordinação” (ABAURRE et al., v. 3, p. 235) dos quais selecionamos os pronomes relativos e as orações subordinadas adjetivas,

respectivamente, para descrição e análise neste estudo. A escolha dos capítulos se justificou pelo fato de as construções relativas, nos livros didáticos, serem abordadas em dois níveis de análise, o morfológico, no tocante à classe de palavras, e o sintático, no que concerne à formação de orações e períodos.

A questão da variação no livro didático: observações preliminares

Embora o tratamento da variação em livros didáticos não seja um tema original entre os artigos da área de linguística e ensino de português, poucas são as análises específicas sobre o binômio “variação e ensino de morfossintaxe”. Com o intuito de analisar especificamente a questão no que diz respeito ao ensino das construções relativas, tecemos observações preliminares sobre o modo como a variação linguística é apresentada e discutida na obra em tela, *Português: contexto, interlocução e sentido* de Abaurre et al. (2013).

A coleção, em sua apresentação ao estudante, embora não assuma a variação de modo explícito, sinaliza uma concepção de língua como um fato social, cujo funcionamento é orientado para comunicação nos mais variados contextos (ABAURRE et al. 2013, v. 1, p. 3). Tal fundamentação demonstra uma preocupação das autoras em situar a abordagem didática em termos compatíveis com um modelo de língua variável, cuja função prima é a comunicação em divergentes contextos sociais. O livro, dividido em três partes, discorre diretamente sobre a questão da variação no capítulo 12 (ABAURRE et al., 2013, v. 1, p. 158), que abre a seção “Gramática” do primeiro volume da coleção. À discussão direta do tópico, segue-se um conjunto de boxes explicativos (“De olho na fala” e “Cuidado com o preconceito”), distribuídos ao longo da coleção nos capítulos de análise linguística.

O capítulo 12 (ABAURRE et al., 2013, v. 1, p. 158), denominado “Linguagem e variação linguística”, prevê em seus objetivos a apresentação de conceitos e caracterização da variação, seus contextos e implicações de uso, conforme os objetivos elencados a seguir: 1) definir língua e linguagem e explicar como esses conceitos se relacionam; 2) definir signo linguístico; 3) explicar o que são variedades linguísticas; 4) descrever como se caracterizam variedades linguísticas regionais e sociais; 5) identificar manifestações de preconceito linguístico; 6) reconhecer contextos de uso da língua (oral e escrita) associados a diferentes graus de formalidade; 7) utilizar as estruturas linguísticas adequadas a contextos específicos. (ABAURRE et al. v. 1, p. 158).

O capítulo parte da apresentação das definições de língua, linguagem e signo linguístico e se desenvolve mais detidamente em direção aos conceitos basilares da variação, como variantes e normas urbanas de prestígio. Também são tratadas algumas implicações sociais da variação linguística, como o preconceito linguístico e a associação de determinadas variantes a estereótipos sociais. A variação é reconhecida como traço natural das línguas e verificada em todos os níveis de análise. Sobre os tipos de variação, destaca-se uma abordagem específica das variações regionais, sociais e estilísticas, com apresentação de alguns exemplos e menções breves ao tratamento social do fenômeno.

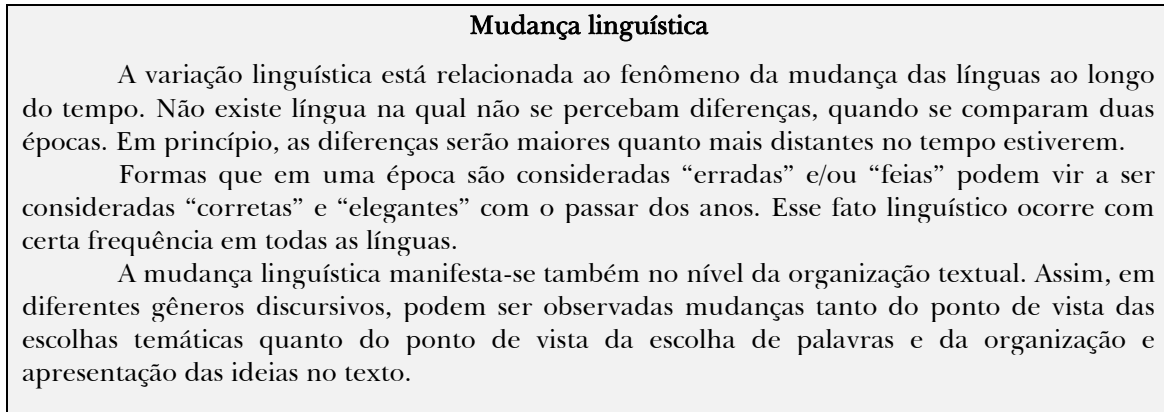
No que se refere especificamente à realidade linguística brasileira, há pouca referência à contextualização histórica dessas variantes ou explicações que apontem para uma compreensão da constituição e hierarquização das diferentes normas.



Considerando que os usos divergentes da “norma de referência” são agrupados sob o rótulo “coloquiais”, falta ainda a distinção entre normas populares ou vernáculas, cultas e padrão.

O último tópico abordado no capítulo consiste numa explicação genérica sobre a constância da mudança linguística como característica de todas as línguas (ABAURRE et. al. 2013, v. 1, p.164).

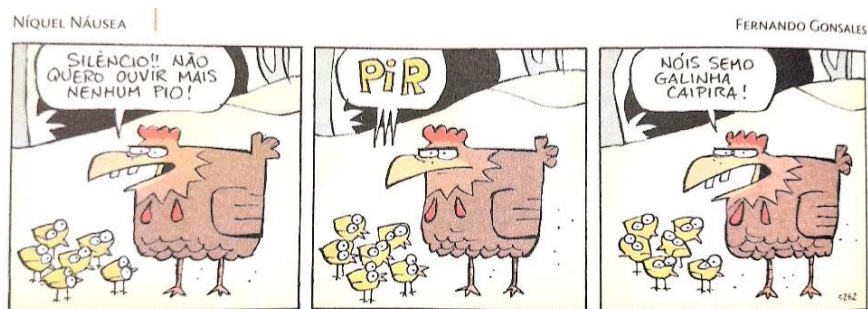
Figura 1: Abordagem sobre a mudança linguística



Fonte: ABAURRE et. al. 2013, v. 1, p.164

No que se refere às atividades propostas no capítulo, pouca atenção é conferida às questões diretamente associadas à variação, sobretudo, às variações sociais e ao nível morfosintático. Em geral, os textos apresentados como mote para atividades de interpretação reproduzem anúncios e tirinhas de humor que se centram na exemplificação de gírias e estereótipos rurais.

Figura 2: A variedade linguística regional.



Fonte: Abaurre et. al. (2013, v. 1, p. 166)

As questões propostas para a análise da tirinha e relacionadas à variação (questões 07 e 08, p. 166) conduzem o estudante a identificar e classificar a variedade linguística presente no texto. A solicitação voltada à interpretação do texto centra-se na busca de um suposto efeito de humor associada ao uso da língua, de modo que sugere uma associação das variantes não prestigiadas a objetos do riso e, portanto, uma abordagem preconceituosa.

De modo geral, pode-se concluir que o capítulo dedicado especificamente à variação linguística é fundamentalmente teórico, situa o estudante em relação aos conceitos gerais delineados no âmbito da sociolinguística variacionista e os ilustra com uma miríade de exemplos de textos escritos. As atividades propostas não levam o estudante ao exame da língua em contexto de uso, pois não conduzem a uma reflexão crítica sobre a constituição das normas de prestígio e dos seus próprios usos linguísticos nos diferentes contextos. Além disso, ao tratar a variedade linguística regional no âmbito do humor, sem promover uma reflexão crítica consistente, perde uma importante possibilidade de contribuir para a superação do preconceito linguístico.

Cabe mencionar que, além do capítulo analisado, a obra apresenta o boxe “De olho na fala”, cujo objetivo, segundo a autora, é destacar e explicar variedades frequentes na língua, típicas da oralidade e/ou consagradas pelo uso, não compatíveis com as prescrições gramaticais. Esse recurso está presente, em menor ou maior frequência, em quase todos os capítulos que tratam de tópicos gramaticais ao longo da coleção e destacam variantes do português popular, recursos da oralidade, ou mesmo formas prescritas pela gramática normativa que caíram em desuso. A natureza desses boxes é acessória, aparecem literalmente à margem dos textos centrais dos capítulos, sempre após a descrição das prescrições normativas.

Partindo dessas considerações gerais, nos detemos, nas seções seguintes, ao tratamento específico das construções relativas no livro didático em análise. A essa investigação, relacionamos os conhecimentos linguísticos sobre o fenômeno e o modelo de referência, a fim de identificar se prevalece na obra uma atitude prescritivista ou uma abordagem contextualizada do ponto de vista sociolinguístico.

O tratamento das construções relativas no livro didático: lacunas e limitações

As construções relativas são apresentadas em gramáticas e manuais didáticos como orações que exercem, no período a que se subordinam, a função de adjunto adnominal (CUNHA; CINTRA, 2002). Essas orações são introduzidas por pronomes relativos, os quais assumem um duplo papel nos enunciados, referenciam um antecedente e servem de elo subordinante da oração que iniciam (BECHARA, 2010). Nos livros didáticos e gramáticas escolares, figuram em dois níveis de análise da língua, o morfológico, nos capítulos referentes à classificação dos pronomes; e o sintático, nos capítulos destinados ao estudo do período composto – “as orações subordinadas adjetivas”.

Do ponto de vista das gramáticas descritivas e dos estudos sociolinguísticos, essas construções chamam atenção por sua natureza heterogênea, como também por seu processo de variação e mudança em andamento. Tais observações têm sido descritas por gramáticos de tradição linguística (PERINI, 2010) e tratadas pelos estudos linguísticos a partir de diferentes perspectivas teóricas (TARALLO, 2018[1993]; KATO, 2018 [1993]; RIBEIRO, 2009; CAMACHO, 2017). Das discussões, emerge a descrição e explicação de três variantes:

(01) *Construção padrão*: Os painéis solares geram a energia **com que sempre sonhamos**.

(02) *Construção copiadora*: Os painéis solares geram a energia **que sempre sonhamos com ela** (CASTILHO, 2010, p. 369)

(03) *Construção cortadora*: Os painéis solares geram a energia **que sempre sonhamos**.

Conforme os exemplos, a variação se circunscreve aos contextos em que o elemento retomando pelo pronome desempenha função preposicionada. Segundo a prescrição canônica, nesses casos, a preposição deve acompanhar o movimento do pronome relativo, conforme o exemplo (01). No entanto, conforme estudos sociolinguísticos, destaca-se, no português brasileiro, a superação da estratégia padrão (01) pela relativa cortadora (03) como estratégia mais frequente (MOLLICA, 1977, 2003; TARALLO, 2018[1993]; BAGNO, 2000, BARROS, 2000; BURGOS, 2003, BISPO, 2009).

Relacionando as considerações gramaticais e linguísticas ao ensino de sintaxe, conclui-se que as construções relativas são um tópico caro ao ensino, uma vez que o padrão normativo apresenta clara divergência em relação aos usos praticados pelos falantes. Contextos como esses exigem considerações particulares acerca da natureza variável do português no que diz respeito à coexistência de padrões das normas padrão, culta e popular que se colocam sobremaneira na prática pedagógica, conforme aponta Mattos e Silva (2004):

Para a prática escolar, dois caminhos se vislumbram: ou cada vez mais o português será aprendido como língua estrangeira nas escolas brasileiras, aprofundando a diglossia referida; ou a orientação pedagógica para o ensino da língua materna terá de adequar seus instrumentos e sua metodologia a uma realidade linguística e social que não só não deve como não pode mais ser ignorada. (MATTOS e SILVA, 2004, p. 314).

Assim, observaremos o tratamento dado, no livro didático, ao uso das construções relativas em duas dimensões, morfológica (os pronomes relativos) e sintática (as orações subordinadas adjetivas) nas seções 3.1 e 3.2, observando se ocorre ou não uma abordagem que considere os aspectos variáveis das orações relativas no português brasileiro e a sua relação com as práticas de ensino.

A abordagem (tradicional) dos pronomes relativos no livro didático

No livro didático *Português: contexto, interlocução e sentido*, a discussão sobre os pronomes encontra-se estruturada em dois capítulos presentes no volume II da coleção: “Pronome I” (capítulo 15) e “Pronome II” (capítulo 16). No capítulo “Pronomes I”, são abordados os pronomes **substantivos** e **adjetivos**, os **pessoais** e os **possessivos**. No capítulo “Pronome II”, são abordados os pronomes **demonstrativos**, **indefinidos**, **interrogativos** e **relativos**. No decorrer dos capítulos, a discussão é organizada em torno de três aspectos: **definição**, **forma** e **funções** dos pronomes.

O uso e funcionamento dos pronomes nos gêneros textuais é a dimensão enfatizada pela obra, de modo que aspectos variáveis relativos aos usos dos pronomes não são abordados e/ou discutidos na coleção em análise. Nos dois capítulos, existe apenas o box “De olho na fala”, com notas insuficientes sobre os aspectos variáveis dos pronomes.

Diante dos inúmeros processos de variação e mudança que afetam o quadro pronominal do português brasileiro (MONTEIRO, 1994; CASTILHO, 2010; MENDES, 2009, 2016), percebe-se, portanto, uma limitação da coleção didática para tratar dos pronomes sem a devida atenção aos usos variáveis no português brasileiro. Cabe sublinhar, a fim de destacar a relevância do tratamento da variação no ensino de morfossintaxe, que usos variáveis pronomes relativos afetam não somente a fala, mas também a escrita dos estudantes do ensino médio.

Na seção destinada ao estudo dos *pronomes relativos* – que introduz o uso das orações relativas – é apresentada a **definição** dos relativos, a sua **natureza anafórica**, as suas **formas e funções sintáticas**. O tratamento dado ao tópico morfossintático não se difere daquele dado aos pronomes de um modo geral, ou seja, é priorizado o prescritivismo das gramáticas tradicionais (cf. seção 2). A variação que atinge o uso dos pronomes relativos é tratada apenas no box *De olho na fala*:

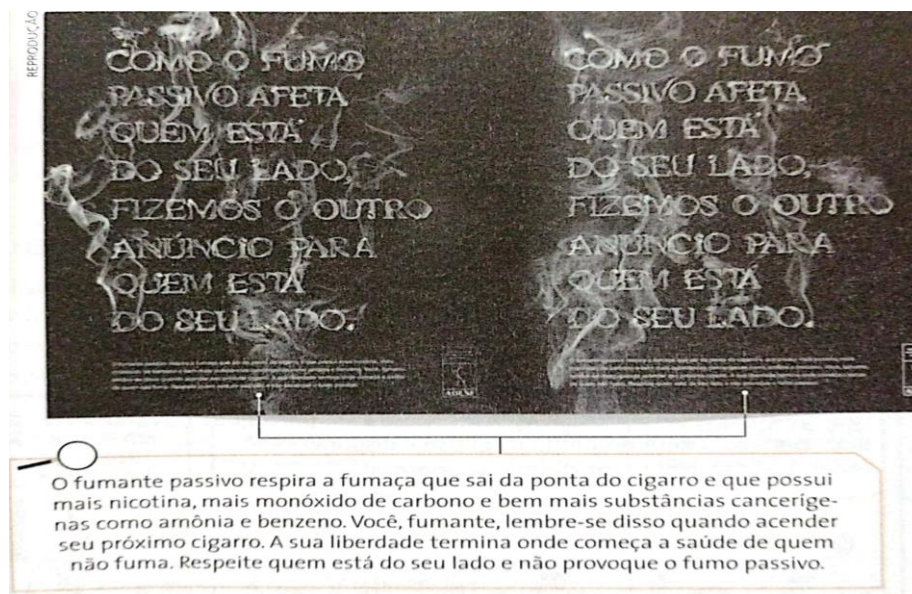
É cada vez mais frequente, na linguagem coloquial, a omissão de preposição que deve anteceder o pronome relativo que em alguns contextos. Isso ocorre porque os falantes não se dão conta de que determinados verbos são regidos por preposições. Veja os exemplos:
Esse é o livro que te falei. (O verbo falar, nesse contexto, pede um complemento antecedido por preposição de: de que te falei.)
O filme que eu mais gostei ganhou o Oscar. (O verbo gostar nesse contexto, pede um complemento antecedido pela preposição de: de que eu mais gostei.)
Embora a omissão da preposição em casos como esse já esteja consagrada pelo uso coloquial da língua, é preciso tomar cuidado para, em situações formais de interlocução, sejam orais ou escritas utilizar corretamente as preposições exigidas pelos verbos. (ABAURRE et. al. 2013, v.2, p. 235).

Observamos, na nota acima, que o box sinaliza para os leitores o comportamento dos pronomes relativos quando regidos por preposição, indicando que é comum, na modalidade falada da língua, o apagamento da preposição nesses contextos. As autoras também apontam que o apagamento da preposição já está consagrado no português falado, mas que é preciso atenção e cuidado para, nas situações formais, utilizar, de modo correto, as preposições exigidas pelo verbo. Se o apagamento da preposição – quando solicitada pela regência do verbo – diante dos relativos é comum/natural na fala, atingindo inclusive a escrita dos estudantes do ensino médio, por que não promover um ensino da língua de modo reflexivo, trazendo a variação para o centro do debate nas aulas? Diante disso, é preciso apontar – ou até mesmo questionar – as limitações e as lacunas existentes na abordagem dos pronomes relativos no livro didático em análise, tanto no que se refere ao estudo reflexivo do nível morfossintático, quanto ao modo como os processos de variação e mudança o tem afetado.

Na sequência do capítulo, encontram-se os exercícios propostos para o estudo dos pronomes. São quatro questões para a aplicação dos conteúdos sobre os pronomes de um modo geral. Dentre elas, apenas uma questão (04), composta por duas alternativas, é destinada ao estudo dos pronomes relativos. A questão parte do emprego do uso dos pronomes no texto que acompanha um anúncio sobre o uso de cigarros

(Figura 03) e solicita a identificação dos referentes dos pronomes relativos **que** e **quem** (Figura 04). Como podemos observar na Figura 03, a atividade proposta para os estudantes não contempla uma análise reflexiva e crítica do uso e emprego dos pronomes relativos na língua portuguesa. A questão restringe-se basicamente à identificação do pronome relativo e dos seus referentes no gênero textual anúncio.

Figura 3: Anúncio para estudo e análise dos pronomes



Fonte: Abaurre et al., (2013, v. 2, p. 235)

Figura 4: Questões sobre os pronomes relativos, identificação de termo referente

4. O texto de letras miúdas que aparece embaixo do anúncio traz importantes informações sobre o assunto. Quais são elas?
- No primeiro período desse texto, há duas ocorrências de um mesmo pronome relativo. Transcreva-as no seu caderno e diga qual é o referente desse pronome em cada uma das ocorrências.
 - O pronome *quem* também é utilizado duas vezes nesse texto. A quem ele se refere em cada ocorrência?

Fonte: Abaurre et al., (2013, v. 2, p. 236).

Embora seja importante a identificação do referente no processo de construção das relativas, como previsto na atividade em questão, e também para o estudo dos recursos coesivos na produção textual, como apresentado na seção *Coesão e Coerência: a articulação textual* (ABAURRE et. al., 2013, v. 2, p. 237-241), no fim do capítulo, é preciso enfatizar o ensino do tópico também no nível morfossintático. É preciso considerar que as construções relativas são envolvidas pela complexidade do nível morfossintático, sendo indispensável desenvolver para os estudantes uma percepção do fenômeno nesse nível linguístico e de como a variação o tem afetado.

A abordagem (tradicional) das orações relativas no livro didático

As “orações que equivalem a adjetivos”, na coleção *didática Português: contexto, interlocução e sentido*, é abordada no Vol. III, no capítulo 12 – “Período composto por subordinação II”. O capítulo é introduzido com a apresentação de uma tirinha para que o estudante realize a leitura e responda a um conjunto de questões sobre o uso das orações adjetivas. A partir disso, as autoras começam a sistematizar, apresentando exemplos, a definição das orações adjetivas³. Na sequência, é explicitada a classificação, também seguida de exemplos, das orações adjetivas em *restritivas* e *explicativas*.⁴

Após a sistematização dos conceitos, O boxe “*De olho na fala*”, no capítulo, exhibe a tirinha *Bichinhos de Jardim*, conforme Figura 5:

Figura 5: Colocação pronominal e regência dos verbos.



Fonte: Abaurre et. al. (2013, v. 3, p. 235)

A partir da leitura da tirinha da Figura 05, à semelhança do que ocorre no capítulo sobre os pronomes relativos (capítulo 16, Vol. II), as autoras destacam o processo de apagamento da preposição diante dos pronomes relativos:

[...] no segundo quadrinho, observamos a ocorrência de uma construção muito comum: uma oração adjetiva introduzida por um pronome relativo que não é antecedido pela preposição exigida pela regência do verbo. [...] No uso coloquial da linguagem, como no diálogo apresentado na tira, essas construções em que a preposição é omitida são aceitas. Porém, nos contextos que apresentam um maior grau de formalidade, é importante prestar atenção à regência do verbo e, quando necessário, utilizar as devidas preposições antes dos pronomes relativos em orações adjetivas. (ABAURRE et. al, 2013, v. 3, p. 237)

³ **Orações subordinadas adjetivas** são as que exercem, em relação à oração principal, a função de adjunto adnominal, própria dos adjetivos. Essas orações em sua forma desenvolvida, são introduzidas por **pronomes relativos**. (ABAURRE et. al., 2013, v. 2, p.236)

⁴ A diferença entre as **orações subordinadas adjetivas restritivas** e as **orações subordinadas adjetivas explicativas** está no tipo de informação que acrescentam a respeito do termo que tomam como referente na oração anterior. As **adjetivas explicativas** introduzem uma informação complementar relativa ao termo a que se referem, enquanto as **adjetivas restritivas** introduzem uma informação que contribui para a especificação do termo a que se referem.

Diante disso, é possível verificar que a seção “De olho na fala”, em se tratando do estudo das construções relativas, limita-se a informar ao estudante sobre o apagamento da preposição diante dos pronomes relativos, quando exigidas pela regência do verbo. Para além disso, nos dois capítulos, a abordagem presente na seção na seção “De olho na fala”, assume um tom prescritivista ao tentar esclarecer o **como se deve fazer** nas situações formais de uso da língua. Nesse sentido, a abordagem variacionista relacionada às construções relativas é minimizada, não sendo contempladas questões importantes relacionadas a esse tópico morfossintático, como já apontam os estudos (socio)linguísticos (cf. seção2).

Ademais, por se tratar de “uma ocorrência de uma construção muito comum” – e familiar ao estudante –, uma abordagem mais consistente, no nível sintático, e de cunho variacionista precisa ser traçada no livro didático, permitindo ao estudante um ensino reflexivo e crítico a partir das suas próprias experiências linguísticas. Afinal, embora as autoras tenham o cuidado de apontar a ocorrência das *relativas cortadoras* (a existência das *relativas copiadoras*) na fala, não mencionam e/ou enfatizam que é também comum o uso dessas construções em textos dos estudantes do ensino médio⁵ (cf. ex. 04), o público-alvo do livro didático em questão.

(04) a mãe insiste na ideia que ela precisa de um marido, e para isso, pressiona a jovem ao uso de produtos de beleza.

Na sequência do capítulo, para a realização das atividades sobre as orações adjetivas, é apresentado um conjunto de nove questões, distribuídas e organizadas em torno da análise de determinado gênero textual. As quatro primeiras questões, por exemplo, estão vinculadas ao anúncio exibido na Figura 6:

Figura 6: Anúncio para as questões sobre as orações adjetivas



Fonte: ABAURRE et. al., (2013, v. 3, p. 240)

Do conjunto de quatro questões vinculadas ao anúncio da Figura 06, *as questões 01 e 02* destinam-se à interpretação e análise do gênero textual, uma vez que é solicitado ao leitor/estudante, respectivamente, a identificação do objetivo da campanha veiculada no anúncio e a percepção de como os efeitos visuais são explorados no anúncio para persuadir o leitor (ABAURRE e. al., 2013, v. 3, p. 240).

Na sequência do conjunto de atividades, *as questões 03 e 04*, diferentemente das anteriores, são direcionadas ao tratamento do componente no nível morfossintático, conforme Figura 7:

⁵ Trechos extraídos de textos dos estudantes do Instituto Federal da Bahia dos campi Salvador e Camaçari.

Figura 7: Questões sobre a função sintática das orações adjetivas

3. **Releia e compare a função dos termos destacados.**
 "Eu vi as árvores *que* você cortou."
 "Eu vi a floresta *que* você queimou."
 ► Qual é a função sintática do termo destacado acima? A que classe de palavras ele pertence nesse contexto? Explique.
4. **Cada uma das orações introduzidas pelo *que* podem ser substituídas por uma única palavra, sem prejuízo de seu sentido. Que palavras poderiam substituir cada uma das orações?**
 - a) A que classe gramatical pertencem essas palavras? Por quê?
 - b) Qual é a função sintática exercida por essas palavras?

Fonte: Abaurre et. al., (2013, v. 3, p. 242)

Na *questão 03*, é solicitada a identificação das funções sintáticas e da classe de palavras do termo *que* se repete (o pronome relativo *que*) nas frases do anúncio. Na *questão 04*, o estudante é conduzido a investigar as palavras que podem substituir as orações introduzidas pelo *que* sem prejuízo semântico e a identificar a classe gramatical e a função dessas palavras.

As *questões 05 e 06* estão relacionadas à observação da tirinha de Calvin, conforme Figura 8:

Figura 8: Funcionamento do pronome *que*

© 1985 Universal Uclick Syndicate

WATTERSON 1-30

5. **Na fala de Calvin no último quadrinho, há uma oração adjetiva. Transcreva no seu caderno essa oração e classifique-a.**
6. **Pode-se afirmar que o efeito de humor da tira está relacionado a essa oração adjetiva. Explique por quê.**

Fonte: Abaurre et. al., (2013, v. 3, p. 241)

Conforme podemos observar na Figura 08, na *questão 05*, é indicada a existência de uma oração adjetiva no último quadrinho, sendo solicitado ao estudante que a transcreva ou classifique-a. Na *questão 06*, é solicitado que seja explicado o efeito de humor da tirinha relacionado a oração adjetiva do último quadrinho.

A *questão 07* está relacionada à leitura e análise da Tirinha *Deus 3: a missão*, de autoria de Laerte, na Figura 9:

Figura 9: Análise das orações relativas em função dos efeitos discursivos.

- 7.** Nessa tira, há uma série de orações adjetivas reduzidas. Em seu caderno, transcreva-as e classifique-as.
- ▶ É possível afirmar que o efeito de humor da tira está relacionado ao tipo de informação apresentada por essa série de orações adjetivas reduzidas. Explique por quê.

Fonte: Abaurre et. al., (2013, v.3, p. 242)

Na *questão 07*, é solicitado que o estudante transcreva e classifique as orações reduzidas presentes na tirinha e também que explique por que o efeito de humor da tirinha é provocado pela série de orações reduzidas.

As *questões 08 e 09*, na Figura 10, são formuladas a partir da leitura e observação do trecho extraído do texto *O simples milagre da vida*, de autoria de Dulce Critelli, na *Folha de S. Paulo* e solicitam a identificação das orações relativas que se repetem e a classificação dessas orações:

Figura 10: Uso das construções relativas e efeitos de sentido.

- 8.** O texto trata da relação estabelecida entre alguém que cozinha e os alimentos que produz. Segundo a autora, há uma grande diferença entre o uso de um forno de micro-ondas e o de um fogão. Por quê?
- a) Para explicar melhor essa diferença, a autora faz uso de uma estrutura sintática recorrente. Transcreva em seu caderno a passagem em que esse uso é feito, destacando as orações que se repetem.
 - b) Sintaticamente, como se classificam essas orações recorrentes?
- 9.** Podemos afirmar que o uso dessas estruturas sintáticas recorrentes contribui para convencer o leitor de que é válida a opinião de Dulce Critelli sobre as diferenças entre o uso do micro-ondas e o do fogão, no preparo dos alimentos. Explique por que isso ocorre.

Fonte: Abaurre et. al. (2013, v. 3, p. 242)

As questões gramaticais baseadas em tirinhas são comuns em livros didáticos e avaliações do ensino médio. Em geral, elas simulam interações e situações de fala e podem ser, em certa medida, ilustrativas de situações de fala ou de registros informais. Por outro lado, a observação dos efeitos de sentido em textos escritos permite uma relação dos tópicos gramaticais com a leitura e interpretação de textos. No entanto, conforme crítica apontada por Pillati (2017), não fomentam uma apreensão e uso consciente dos estudantes em seus textos escritos.

[...] se um dos principais objetivos do estudo da língua portuguesa é que os estudantes saiam da educação básica sabendo escrever um texto com ideias ordenadas, com coesão e coerência, por que nas aulas de gramática o conhecimento gramatical é analisado em tirinhas? Por que o aluno é visto apenas como um receptor, classificador e nomeador de conceitos, se o objetivo da educação é que ele use tais conceitos com o objetivo de escrever um texto? Enfim, por que os conhecimentos gramaticais não são usados para desenvolver os conhecimentos do aluno num campo que ele ainda não domina, que é o da escrita?” (PILLATTI, 2017, p. 96)

Tal dimensão, além das questões já sinalizadas ao longo desta análise, encontra lugar numa perspectiva de ensino de morfossintaxe mais sensível à dimensão real dos usos da língua pelos estudantes, o que falta ao livro didático em análise. A carência de uma abordagem voltada aos usos das construções relativas em contextos sensíveis ao emprego das variantes cortadoras não permite ao estudante uma reflexão sobre o fenômeno e sobre seus usos. Tal perspectiva, motiva uma aprendizagem descolada da realidade da língua e, portanto, artificial, que pouco impacto tem no aprendizado de norma culta.

Considerações finais

Neste artigo, apresentamos uma observação da variação no ensino de morfossintaxe em livros didáticos. Buscamos investigar em que medida a variação é assumida pelo livro didático como característica natural das línguas e de que modo os conceitos básicos da sociolinguística são considerados no ensino dos fenômenos morfossintáticos.

A questão da variação, na coleção em análise, centra-se na descrição isolada dos conceitos sociolinguísticos, os quais aparecem exclusivamente na seção “Gramática”, mais especificamente, no Capítulo 12 do volume 1. A restrição do tratamento de um aspecto basilar das línguas à seção de análise da língua e seu apagamento das seções “Literatura” e “Produção textual” revela um traço importante da abordagem didática empreendida pela coleção, um assunto temático e um tópico acessório. Consideramos que, tendo em vista ser a literatura um registro real das mudanças diacrônicas da língua e os textos produzidos (orais ou escritos) pelos estudantes um ambiente profícuo para os usos linguísticos variáveis, não há razão para que a variação também não seja abordada nesses espaços.

No que diz respeito aos tópicos morfossintáticos, a descrição das variantes não padrão é pontuada como detalhe acessório. A presença da seção “De olho na fala”, recorrente em toda a coleção, revela, por um lado, a preocupação louvável das autoras em fugir de uma abordagem da variação como mero recorte teórico-conceitual isolado, centrado no reconhecimento e tipificação das variações e na folclorização de certos usos linguísticos. No entanto, o modo de apresentação escolhido indica o esvaziamento da função pedagógica da variação no ensino de morfossintaxe. A variação é colocada em

segundo plano em relação às prescrições gramaticais. Em outras palavras, apresenta-se primeiro como a língua “deve ser” e depois como “a língua é”. A coleção, portanto, desloca as formas divergentes do prestígio à condição de exceção de registro, quando, em muitos casos, constituem a norma mais frequente no português brasileiro, sobretudo, quando consideradas as comunidades de fala das quais fazem parte boa parte dos falantes em idade escolar das redes públicas de ensino do Brasil e fenômenos linguísticos particulares como as construções relativas.

Em se tratando do tópico gramatical em estudo neste artigo, destaca-se o tratamento marginal conferido a mudanças já consolidadas na língua, como, por exemplo, as relativas cortadoras. Ora, se a sociolinguística já tem apontado os contextos mais claros de variação e mudança, podemos presumir que esses serão os contextos mais importantes para o ensino, eles deveriam, portanto, ser o ponto de partida. Por outro lado, a consciência sociolinguística, capaz de fornecer ao estudante uma compreensão de seus usos frente a natureza variável e polarizada da língua portuguesa, nos parece mais coerente com a função precípua do ensino, conduzir ao aprendizado e apropriação das variantes, sobretudo da norma culta, em diferentes contextos.

Ademais, no que se refere aos exercícios propostos na coleção sobre os pronomes e construções relativas, não são fomentadas situações comunicativas de emprego das construções relativas, ponto de considerável dificuldade. As atividades de leitura e interpretação de diferentes gêneros textuais centram-se em classificação morfológica, sintática e indicação de efeitos de sentido. Construir sentenças, períodos e textos que exijam o domínio das diferentes estruturas e emprego dos diferentes pronomes não figuram no *hall* das habilidades e competências motivadas pelas atividades. Assim, fugindo à semântica do próprio termo, os **exercícios** não exercitam o emprego das construções e pronomes relativos.

Em termos gerais, da comparação dos estudos linguísticos, gramáticas tradicionais e linguísticas com a coleção de livro didático em análise, conclui-se a prevalência de uma explanação das construções relativas a partir de uma abordagem de cunho prescritivista. O tratamento adotado não favorece a apropriação das construções relativas como estratégia discursiva, nem permite aos estudantes contrastar seus usos vernaculares com as normas de referência.

Defendemos que uma abordagem menos isolada do tema “variação” se revelaria mais adequada e produtiva para o ensino de morfossintaxe. No que tange as construções relativas, instrumentalizar o estudante, a partir do reconhecimento de seus usos, e propor situações em que efetivamente seja conduzido a empregar os pronomes relativos, nos parece uma atitude mais plausível e funcional. Além disso, munido dos conhecimentos cotejados pelos estudos da sociolinguística variacionista, seria possível abordar especificamente os contextos para os quais a mudança se mostra em fase de consolidação num vetor contrário às prescrições. Essa dinâmica pode ser estendida com razoável produtividade a outros fenômenos da morfossintaxe.

Por fim, destacamos que não temos o intuito de propor, para os livros didáticos, uma abordagem profunda e científica dos fenômenos linguísticos, mas que, de modo didático, o ensino de morfossintaxe seja relacionado à variação e à produção textual com vistas a promover uma aprendizagem mais significativa e crítica.

Referências

- ABAURRE, Maria Luiza M.; ABAURRE, Maria Bernadete M.; PONTARA, Marcela. *Português: contexto, interlocução e sentido*. 2. Ed. São Paulo: Moderna, 2013.
- BAGNO, M. *Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação lingüística*. São Paulo: Parábola, 2007.
- BECHARA, Evanildo. *Gramática Escolar da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2010.
- BORTONI-RICARDO, S. M.. *Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- BARROS, A. L. de. *O uso da relativa cortadora na fala pessoense*. Dissertação de Mestrado orientada pelo professor Demerval da Hora, UFPB, João Pessoa, 200.
- BISPO, Edvaldo Balduino. *Estratégias de relativização no português brasileiro e implicações para o ensino: o caso das cortadoras*. Tese de Doutorado orientada por Maria Angélica Furtado da Cunha, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, UFRN, Natal, 2009.
- BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's)*. Língua portuguesa. Ensino médio. Brasília: MEC/SEF, 2000. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/blegais.pdf>. Acesso em junho 2020.
- BRASIL. Base Nacional Comum Curricular (BNCC): Ensino médio. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf Acesso em junho de 2020.
- BURGOS, L. E. S. de. *Estratégias de uso das relativas em uma comunidade de fala Afro-brasileira*. Dissertação de Mestrado Orientada por Dante Eustáquio Lucchesi Ramacciotti. Programa de Pós-graduação em Letras e linguística, UFBA, Salvador, 2003.
- CASTILHO, Ataliba de; ELIAS, Vanda Maria. *Pequena Gramática do Português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2012.
- CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova Gramática do português contemporâneo*. 17. ed. Lisboa: João Sá da Costa, 2002.
- CAMACHO, Roberto. Alinhamento e estratégias de relativização. *D.E.L.T.A*, v.33, n.1, São Paulo, p. 243-266, 2017.
- KATO, Mary. Recontando a história das relativas em uma perspectiva paramétrica. In: ROBERTS, Ian. KATO, Mary A. (Org.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Editora Unicamp, 2018 [1993].

- MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. Variação, mudança e norma: movimentos no interior do Brasil. In: BAGNO, Marcos (Org.). *Linguística da norma*. São Paulo: Loyola, 2004.
- MENDES, Elisângela dos Passos. *A flexão de caso dos pronomes pessoais no Português popular do interior do estado da Bahia*. 127 f. 2009. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009.
- MENDES, Elisângela dos Passos. *A flexão de caso dos pronomes pessoais no continuum do português popular da Bahia*. 270 f. 2009. Tese (Doutorado em língua e cultura) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.
- MONTEIRO, José Lemos. *Pronomes pessoais: subsídios para uma gramática do português do Brasil*. Fortaleza: UFC, 1994.
- MOLLICA, M. C. de M. *O estudo da cópia em construções relativas em português*. Dissertação de mestrado, PUC/RJ, Rio de Janeiro, 1977.
- MOLLICA, M. C. de M. *Relativas em tempo real no português brasileira contemporâneo*. In Paiva, M. da C.; Duarte, M. L. (orgs.). *Mudança linguística em tempo real*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2003.
- PERINI, Mario A. *Gramática do Português Brasileiro*. São Paulo, Parábola Editorial, 2010.
- RIBEIRO, Ilza. As sentenças relativas. In: LUCCHESI, Dante; BAXTER, Alan; RIBEIRO, Ilza (Org.). *O português afro-brasileiro*. Salvador: Edufba, 2009. p. 185-208.
- TARALLO, Fernando. Sobre a alegada origem crioula do português brasileiro: mudanças sintáticas aleatórias. In: ROBERTS, Ian. KATO, Mary A. (Org.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Editora Unicamp, 2018 [1993]. p. 35-68.